

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DA POLITECNICA
DEPOIS ESCOLA NACIONAL DE ENGENHARIA E ATUAL ESCOLA DE ENGENHARIA DA UFRJ

O PROFESSOR TEMPO INTEGRAL

Pretendo escrever dois ou três artigos sobre o assunto: Chamarei este de Parte I, e assim por diante. Abordarei, neste, o problema do Professor Tempo-Integral na Universidade, especialmente na Escola de Engenharia.

A definição comum de Professor Tempo-Integral é de a quele que dedica todo seu tempo convencional de trabalho (algo como 8 horas por dia útil) à atividade universitária. É evidente que as características de atividade a ser desenvolvida por esse professor dependerão de fatores diversos individuais: - tempo de formado, idade, experiência didática, profissional e administrativa, capacidade e habilitação, tendências pessoais (personalidade), etc... Assim, a meu ver, não é possível, nem aconselhável, estabelecer padrões de comportamento uniformes e rígidos para todos, independentemente das características individuais.

Tenho observado, nos últimos anos, uma tendência acentuada — a cada dia mais difundida — de se desejar aumentar o número de professores de tempo-integral, em detrimento dos professores de tempo-parcial (que são aqueles que, ao lado da atividade universitária, exercem, também, atividade profissional).

Parte-se da premissa simplista de que mais tempo de dedicação implica em maior rendimento para o ensino. Mais que isso, começam os tecnocratas do ensino a querer exigir o que chamam de "Dedicação Exclusiva" (ou seja, o exclusivismo para a tarefa universitária para o professor, como se fosse uma deficiência a atividade profissional externa).

É inadmissível se pensar que uma Escola de Engenharia tenha um quadro de Docentes (no curso profissional) constituído de professores "castrados" para atividade de engenheiro, que é a razão maior da existência de sua Escola. Essa filosofia é tanto mais errada, quando aplicada aos jovens (iniciantes) Docentes, sem qualquer experiência profissional.

É mais que sabido que, para se poder ensinar matéria da prática profissional (e entenda-se "prática" não apenas como a atividade de construção ou fabricação, mas também a concepção e o projeto, que só podem ser aprimorados através da aplicação no dia-a-dia da profissão), é imprescindível a experiência do "fazer" real, com todos seus erros, obstáculos e dificuldades.

É óbvio que não se pode desprezar a contribuição ao

ensino de alguns professores, jovens ou maduros, que estão integrados na pesquisa laboratorial ou teórica, no seio da Universidade. Eles têm importância, também muito grande, na formação dos jovens estudantes de engenharia.

O ideal, para a Escola de Engenharia, a meu ver, é uma "mistura bem dosada" de professores de todos os matizes (os "TEÓRICOS" — da pesquisa tecnológica e tecnológica-científica, engenheiros com grande cultura matemática ou físico-matemática — ao lado dos "PRÁTICOS" — projetistas e idealizadores, ou aqueles com experiência da construção e da fabricação, da convivência e do comando de homens, a parelhos e máquinas, além dos consultores e assessores técnicos, etc) e de todas idades. Tais professores atuarão tanto em tempo-integral, como em tempo-parcial e, até, eventual. A escolha será deles, sem quaisquer pressões ou dificuldades, com remuneração justa, adequada e condizente, em qualquer caso. O importante é o amor ao Ensino a par de justa remuneração. Afinal, são homens e não deuses.

Por hoje, é só. Continuo em outro boletim.

Fernando Emmanuel Barata
Prof. Titular da EE UFRJ

E O PROFESSOR TEMPO PARCIAL

O falecimento dos Engenheiros Rufino de Almeida Pizarro e Hugo Cardoso da Silva consternou a todos da A3P. Em homenagem às suas memórias, o Eng. Leizer Lerner, em nome da entidade, proferiu uma e-legia na Congregação da Escola de Engenharia da UFRJ.

NOTAS

A Eng. Prof. Maria Helena Brito Rodrigues foi eleita, por professores, alunos e funcionários, diretora do Centro de Tecnologia e Ciências da UERJ. A posse foi em janeiro. À nossa ilustre associada um sincero desejo de sucesso.

O POSITIVISMO (1)

"A filosofia positiva ou científica (Positivismo) se propõe a sistematizar, tanto quanto possível, toda a existência humana, individual e sobretudo coletiva, considerando-a nas três ordens de fenômenos que a caracterizam: pensamentos, sentimentos e ações (os domínios especulativo, afetivo e ativo). (B-1) A filosofia positiva não é obra de qualquer homem isolado; tudo quanto a humanidade tem possuído de pensadores genéricos e espíritos de elite tem, sucessivamente, contribuído com pedras para este edifício, mesmo sem compreender, por vezes, o alcance da cooperação. Todas as pessoas são positivistas espontâneas em diversos graus de evolução. Seu "grau de positividade" está relacionado ao conjunto de "conhecimentos científicos" que tenha incorporado ao seu acervo intelectual. Positivista "é, em suma, toda gente que está emancipada da metafísica, e, com mais forte razão, da teologia; que especula os fenômenos da natureza e

os acontecimentos sociais sem o fato ontológico; que raciocina segundo os métodos positivos, mesmo sem ter disso muita consciência; que não usa linguagem exdrúxula quando pode usar expressões correntes; que procura aprimorar-se moralmente, não por temor de castigos em outro mundo, mas para ser útil ao próximo; que pratica o altruísmo em vez da caridade; que ama por princípio, tem a ordem por base, para poder atingir o progresso; que vive para outrem e às claras.

Não errará quem disser que o ambiente científico em todos os países do ocidente está forrado de positivismo, um positivismo que já ignora seu fundador, mas que nem por isso perdeu suas características fundamentais." (B-2)

A.Comte empregou a palavra filosofia, na falta de outro melhor, no sentido que lhe atribuiu Aristóteles, ou seja "sistema geral das concepções humanas"; em outras palavras diríamos: como explicar o universo e o homem.

"A filosofia positiva - designa uma maneira uniforme de raciocinar aplicável a todos os fatos que o espírito humano pode observar". "Toda concepção só pode ser bem compreendida por sua história" (método histórico - gênese de um conceito).

EXPEDIENTE

O Boletim da A³P é uma publicação da Associação dos Antigos Alunos da Politécnica, editada sob a responsabilidade do Conselho Editorial. Os artigos assinados não representam necessariamente a opinião do Conselho. O Boletim está aberto à participação dos leitores.

Ao Conselho compete a decisão final sobre a publicação de todo e qualquer material recebido, assim como de sua adequação aos padrões gráficos e editoriais do Boletim. Os artigos enviados não devem exceder o limite de duas laudas datilografadas de 72 toques e 30 linhas.

Conselho Editorial: Sergio Henrique Sá Leitão (Presidente), Léo Fabiano Baur Reis (Diretor Administrativo), Munir Assuf (Diretor Comercial) e Gerhard Vasco Weiss (Diretor Tesoureiro).

Redação e Diagramação: Sergio Sá Leitão Filho.

Impressão: Maio Gráfica Editora Ltda.

Correspondência e publicidade: Associação dos Antigos Alunos da Politécnica, Largo de São Francisco s/nº, Centro, Rio de Janeiro, RJ. Telefone: 221-2936.

Danton Voltaire P. de Souza
Engº Civil

Bibliografia

- (B-1) A.Comte - Systeme de Politique Positive - Iº Vol.
- (B-2) Castilhos Goycochêa - Filosofia das ciencias. Livra - ria Freitas Bastos - 1959

PERFIL

ANTÔNIO

JOSÉ DA

COSTA NUNES

Em 1937, ano da decretação do Estado Novo, o estudante da Escola Politécnica Antônio José da Costa Nunes foi convidado a se tornar assistente de professor da cadeira de Física, dirigida, então, pelo saudoso Professor Dulcídio de Almeida Pereira. Este cargo foi conquistado por Costa Nunes por ter conseguido, no curso, a medalha de Física "Conselheiro Pitanga". Um ano depois, formou-se em Engenharia Civil e Eletricista e passou a ser professor da área de Física. Eram os tempos gloriosos da Escola Politécnica, quando estudar Engenharia era um desafio e ao mesmo tempo um galardão. Tinham futuro brilhante aqueles jovens que estudavam no Largo de São Francisco, "o berço da Engenharia Nacional". Assim foi com Antônio José: tanto na vida Acadêmica quanto na empresa privada, ele alçou o sucesso e o reconhecimento. Na lembrança de seus colegas e alunos, está presente a imagem do brilhante Mestre. Na dos engenheiros da Tecnosolo, onde é Presidente do Conselho de Administração, a imagem do técnico competente e do administrador empreendedor.

Na Universidade, ele apresentou tese em 41, foi livre docente em 45, catedrático interino em 47, catedrático por concurso em 50 e até 85, quando se aposentou e tornou-se professor Emérito da UFRJ, sempre dedicando-se à Física e à Mecânica dos Solos. Dentre suas realizações, pode-se citar a criação, junto com o Professor Hervásio Guimarães de Carvalho, do primeiro curso de Engenharia Nuclear do país, em 1942. Depois de dedicar grande parte de sua vida à transmissão de conhecimento, é com tristeza que ele hoje constata a queda geral do nível do ensino universitário. "O ensino tem piorado continuamente, tanto em nossa Escola quanto em outras áreas, por

causa do modelo do exame vestibular pouco exigente, que prejudicou o ensino secundário e aumentou a população escolar sem o proporcional aumento dos recursos", afirma. Conviria voltar ao nível das seleções de antigamente, "quando o estudante tinha que se dedicar à sua formação, porque seu conhecimento era rigidamente verificado em provas escritas e orais". Além do vestibular pouco exigente e da massificação, ele considerava a excessiva politização das Faculdades como uma das causas da queda da qualidade do ensino. "É muito importante voltar a um sistema de financiamento do curso universitário, desde o vestibular, para permitir o acesso dos mais pobres, embora intelectualmente capazes, ao ensino superior."

Segundo o professor Costa Nunes, "os governos têm tratado muito mal a Universidade". Para ele, os recursos têm sido insuficientes até para o ensino, quando a Universidade possui também outras atribuições, como "servir de apoio científico e tecnológico ao progresso do país e da humanidade, através da pesquisa, e promover uma assistência à comunidade, pois é a sociedade que, com os impostos, financia a Universidade, e nada mais justo que esta lhe retribua em serviços". Costa Nunes vê como vital para a Universi-

dade sua interação com as empresas, privadas ou estatais, principalmente através da concessão de estágios aos estudantes mais capazes, assim como acha muito importante para o professor o contato permanente com a vida profissional.

Ex-Presidente da A³P e hoje Sócio Benemérito, Costa Nunes tem acompanhado, na medida do possível, os trabalhos da Associação, que considera muito importantes. Ele acha que a A³P tem cumprido suas funções: a da manutenção do culto à Escola, de colaborar para o aperfeiçoamento da Escola e da Engenharia, de realizar cursos complementares e atividades culturais.

Para o professor, a A³P tem que se dedicar devotadamente a dois objetivos, "que farão com que a entidade melhore ainda mais: a realização de cursos de ponta, que colaborem para o aperfeiçoamento profissional dos Engenheiros e a luta pela constituição da Fundação Politécnica e pela definição do prédio do Largo de São Francisco como sua sede".

Outra preocupação que ocupa o tempo que dedica à reflexão sobre os problemas nacionais é a Constituinte. Com três filhos (um geólogo, um engenheiro e uma arquiteta), Antonio José da Costa Nunes considera, "como engenheiro e como empresário", que o país tem recusado o exemplo de outros países que conseguiram o progresso e o bem estar do povo através do trabalho e do patriotismo, com constituições curtas.

Sobre a questão da Engenharia Nacional, "um ponto importantíssimo", ele afirma que a Constituição deve proteger a atividade econômica do povo brasileiro em todos os seus aspectos, "sem que isso signifique uma atitude de repúdio à comunidade internacional".

4

Alguns o conhecem como Ministro da Viação e Obras Públicas Hélio de Almeida. Outros, como Presidente do Clube de Engenharia Hélio de Almeida. Ou talvez como Dr. Hélio de Almeida, ex-Presidente, ex-Diretor e Consultor Técnico da Fonseca, Almeida e Cia. Outros, ainda, como seu Hélio morador de Itatiaia, o "melhor lugar do Brasil". Ou como Deputado Hélio de Almeida. Todos cochecem Hélio de Almeida, mas poucos sabem que ele é e foi isso tudo e mais. Engenheiro e Industrial, sócio Benemérito da A³P, amigo pessoal do ex-Presidente João Goulart, especialista em ferrovias, 68 anos de vida e de dedicação à vida pública, seis



entradas no DOPS, crítico da Nova República e "o aposentado mais assíduo do país", como gosta de definir-se, Hélio de Almeida é ao mesmo tempo uma personalidade complexa e um homem simples. Não há como não se tornar seu admirador, por menos tempo que se passe com ele. Tempo, aliás, preenchido por histórias presenciais ou vividas, contadas sempre de modo saboroso e divertido.

Nosso objetivo era obter dele informações e impressões sobre o 17º Congresso Panamericano de Ferrovias, realizado de 16 a 21 de novembro em Havana, Cuba. Queríamos, também, colher suas opiniões sobre o país de Fidel Castro, so

bre o qual pairam idealismos e preconceitos, ocultos sob a manta da desinformação. A missão, cujo resultado é a entrevista que publicamos em seguida, foi plenamente cumprida. Porém, ao sairmos de seu escritório na Fonseca e Almeida, onde ele trabalha há 46 anos-depois de duas horas e dez páginas de anotações- foi outra a sensação que nos inebriou a mente. Tratou-se, antes de tudo, de uma lição de vida, de um exemplo de humanidade, dados por um homem admirado à esquerda e à direita. Impressionou-nos menos a bela vista da Praia do Flamengo que sua memória, vitalidade e senso de humor. Hélio de Almeida é, verdadeiramente, uma figura rara nesses tempos de crise. Afinal, o que diriam alguns Ministros de hoje se soubessem que ele, ao ser nomeado Ministro, demitiu-se de todos os empregos que tinha? Rindo ou criticando, suas expressões dificilmente se apagam da lembrança. Foi essa a sensação que sentimos: de termos conversado com uma pessoa realmente especial.

ENTRE VISTA (1)

HELIO DE ALMEIDA

P-- Como foi o Congresso de Cuba?

R-- Em minha opinião não foi dos melhores. Foi o quinto Congresso Panamericano de Ferrovias do qual participei, e reputo os anteriores como melhores. Desde 1953, quando ocorreu o primeiro, em Washington, houve muita evolução na engenharia de ferrovias, e eu esperava que esse Congresso espelhasse essas transformações. Cuba foi o primeiro país da América Latina a possuir uma estrada de ferro, há 150 anos atrás. Cuba recebeu homenagens por esse fato. Em geral, as teses apresentadas foram fracas, e a viagem acabou sendo importante principalmente



pelo contato que fizemos com a União de Arquitetos e Engenheiros de Construção de Cuba (UNARCC), através de seu presidente, arquiteto Pedro Galeano, que nos recebeu muito bem. Esse contato poderia ter sido mais intenso e produtivo se não tivessem nos convidado para almoçar com a diretoria da entidade exatamente no dia da nossa viagem de volta. Não pude, por isso, obter maiores informações sobre o desenvolvimento da Engenharia em Cuba, como também do ensino de Engenharia. Em outubro do ano que vem haverá o Congresso da União Panamericana de Associações de Engenheiros (UPADI), também em Havana, e eu espero conseguir mais informações nessa oportunidade.